Cobras em compota

contos

LITERATURA PARA TODOS

Índigo

Cobras em compota

I Concurso Literatura para Todos

Consultora Pedagógica
Ira Maciel

Comissão de Pré-seleção das Obras
Cristiane Costa
Heitor Ferraz Mello
Júlio César Valladão Diniz
Maria da Luz Pinheiro de Cristo

Comissão Julgadora
Antônio Torres
Heloisa Jahn
Jane Paiva
Lígia Cademartori
Magda Soares
Marcelino Freire
Milton Hatoum
Moacyr Scliar
Rubens Figueiredo

Ministério
da Educação

Esplanada dos Ministérios
Bloco L – 7º andar – Sala 710
literaturaparatodos@mec.gov.br
www.mec.gov.br

Cobras em compota

contos

Índigo

1ª Edição

Brasília – 2006

LITERATURA
PARA TODOS

Título original: Cobras em compota
Autora: Índigo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Índigo.
I39 Cobras em compota / Índigo. – Brasília : Ministério da Educação, 2006.

124 p. : il. ; 18 cm. -- (Coleção literatura para todos ; v. 2)

ISBN: 85-296-0044-4

1. Conto brasileiro. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.3
CDU 821.134.3(81)-34

Ano 2006

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros sem autorização prévia por escrito do Ministério da Educação ou da autora.

Índice

Apresentação 10
Prefácio 12
Cobras em compota 15
Efeito minhoqueira 17
Gatos não são bola 19
A vingança da lombriga 21
Sapo no espeto 23
Pedaço de carne 24
Abelhas, leões e paixões súbitas 28
A necessidade de encarar o Bicho-papão 31
Visão do futuro 33
Periquito verde e as pequenas psicopatas 39
Psicologia infantil 41
O coelho que não é urso 46
Os Cristos de Ana Paula 48
Cavalos-marinhos e pêlos pubianos 50
O pintinho e o analista 52
Dálmatas e casamentos 53
Amores *perros* 55
Namorado e medo de piolho 56

A biblioteca silenciosa 59
Livros pompom 63
O que eu aprendi com as gorilas 65
Notícias do dromedário 67
Cabeça de pingüim 69
O peixe dele 71
A minhoca da tequila 72
A crueldade dos hamsters 75
Baleias e melancias 77
O homem-sapo-boi 79
Sensação de lagartixa 80
As partes removíveis do corpo 82
Vinte dedinhos 84

Deslocamento de alma 87
Soluções para o terceiro andar 89
Corpo movediço 91
Águias, galinhas e salários 99
Silêncio 100
Os moradores dos vãos dos tijolos 102
Os três poodles circenses
e a minha peruca laranja 104
Sensação de morango 105
O gato, a borboleta e o tempo 107
Salvem as baleias 109
Minas e Energia 111
Entrevista com a autora 114

Caras leitoras e caros leitores,

É com enorme satisfação que apresento a Coleção Literatura para Todos, pensada e escrita especificamente para vocês, alunos e alunas do Programa Brasil Alfabetizado e alunos e alunas que estão dando continuidade a seus estudos nas salas de aula de educação de jovens e adultos.

Esta coleção, composta por dez livros – poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral –, é fruto de um concurso nacional lançado em 2005 pelo Ministério da Educação. As obras foram escolhidas entre os mais de dois mil textos submetidos à comissão julgadora. Muitas pessoas foram envolvidas no processo de criação, o que representou um verdadeiro mutirão, um esforço coletivo. Mas quais os motivos que levaram o Ministério a realizar o Concurso Literatura para Todos e agora lançar a Coleção Literatura para Todos?

A primeira resposta é dada pelo próprio título do concurso e da coleção – Literatura para Todos. O Ministério acredita que o acesso ao livro e à leitura é um direito de todos. Nós todos temos o direito de ler e ter acesso

a livros da mesma forma que a Constituição Federal nos garante o direito à educação. Por isso, em 2003, o governo criou o Programa Brasil Alfabetizado, para garantir, aos jovens e adultos que nunca tiveram esse direito, a oportunidade de aprender a ler, escrever e fazer as operações matemáticas básicas.

Acima de tudo, o Ministério foi motivado por acreditar que o acesso ao livro e a criação do hábito de leitura são essenciais para fortalecer a nossa cidadania e também como alicerce para outras aprendizagens. A leitura nos permite entender melhor o mundo a nossa volta e conhecer melhor também quem somos nós. Por meio da leitura, ganhamos acesso a outras informações e novos conhecimentos.

A Coleção Literatura para Todos visa, assim, oferecer um conjunto de livros, produzido com muito carinho e zelo, que proporcionará a vocês leitores um grande prazer – o prazer de ler, de viajar, de criar e de fazer parte de uma nova comunidade: a de leitores. Pelo menos, é assim que esperamos. Brasil, país de todos – Brasil, comunidade de leitores!

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

Ministério da Educação

Para curar o mau humor. A dor nas costas. O peso do dia-a-dia. O cansaço. Aliviar o seu ar preocupado. Eis o antídoto: *Cobras em compota*, da Índigo. Livro que agora chega à praça. Super bem-vindo. E premiado. Altamente recomendado. Por unanimidade. Se você quer um tiquinho de felicidade, leia. Histórias supercurtinhas. Veneno antimonotonia, assim, na veia.

Não que o livro da Índigo seja descartável. Produto barato. Não é isso. Explico: são contos de extrema leveza. Delicadeza. Sem perder a esperteza. A reflexão. Quase fábulas. Crônicas. Reunindo uma verdadeira fauna. Gatos, coelhos, baleias e sapos. E até piolhos e minhocas. Eca! Aviso de novo: não pense que é livro infantil. Longe dessa! É livro bem adulto. Venenoso.

Índigo escreve com graça, ironia. Já provou isso nos seus elogiados *Saga Animal* e *Festa da Mexerica* (ambos publicados pela Editora Hedra). Índigo cutuca, provoca. Desconheço uma autora como ela. Poucas

são as que têm uma imaginação tão fértil. E fertilizante. Vai envolvendo a gente. Enrodilhando. Hipnotizante! Não tenha medo. *Cobras em compota* é uma mordida, sim. Mas causa um bom efeito. Divirta-se!

Marcelino Freire

Comissão Julgadora

I Concurso Literatura para Todos

Cobras em compota

Quando eu era pequena, os vidros de maionese eram bem maiores. Não devia existir colesterol naquela época, e é aí que começou o problema. Por serem vidros grandões, comportavam cobras enroladas dentro. No laboratório de ciências havia uma prateleira cheia deles.

Se não fosse por esses vidros de maionese, eu poderia ter ido melhor na matéria. Mas com eles ali, impossível. Eu só queria abri-los, meter a mão dentro e puxar uma cobra pelo pescoço. Eu a giraria no ar, feito laço de boiadeiro.

Passávamos de ano e elas ali, provocando. Nunca chegou a série certa para estudá-las. Lembro-me que, de vez em quando, no meio da aula, alguma cobra de índole mais atrevida sibilava para mim. Eu ignorava.

Com o tempo aprendi que, caso abrisse um desses potes, ela pularia em mim, fincaria seus dois únicos dentes no meu pescoço e eu me transformaria numa delas. Eram todas ex-alunas mal intencionadas. Neste livro abro alguns potes antigos.

Efeito minhoqueira

Quando criança, nunca fui de fazer birra, porque birra envolve gritar, e eu não gritava. Isso era um problema, pois birra é a arma mais poderosa que uma criança pode ter. Minha solução foi me contorcer. Eu começava a fazer um negócio que era uma mistura de ataque epiléptico com balé moderno. O único efeito era que minha mãe morria de rir. Ela deu a isso o nome de "minhoqueira".

Nessa mesma época, brincando numa montanha de terra, travei contato com uma minhoca gorda, de uns vinte centímetros de comprimento, com um colar na altura do que seria o pescoço. Saí correndo aos berros. Então tudo se resolveu. O berro que vivia engasgado veio à tona. Interpretei o episódio como uma bênção. A aparição daquela minhoca foi, na verdade, uma homenagem por eu me transformar em minhoca sempre que estava em apuro. Uma semana depois, no próximo ataque de minhoqueira, acrescentei berros à coreografia epiléptica.

Dessa vez minha mãe não achou graça. Levei uns tapas e tudo voltou a ser silêncio.

Gatos não são bola

Em dias de chuva meu irmão e eu sofríamos de um tipo de tédio eufórico. Não tinha brincadeira que nos saciasse. Era um tédio que sempre resultava em dor. Uma vez inventamos de jogar o gato um no outro e pegá-lo antes que caísse no chão. Meu azar foi que o gato perdeu a paciência justo na minha vez de pegá-lo. Fincou as garras nas minhas bochechas e foi descendo, rasgando minha pele no caminho.

Doeu.

Mas dor maior foi durante minha primeira comunhão, no dia seguinte. O padre rezou a missa inteira sem desgrudar os olhos de mim. Não teve bata branca, coroa de flores ou asinha de algodão que tirasse a atenção do meu rosto de *poltergeist*.

Fantasma; espírito ou outra entidade imaterial do tipo endiabrado.

Na hora das fotos, o padre me botou atrás do menino mais alto da turma. E quanto mais eu chorava baixinho, mais ardia. Eu só queria cavar um buraco e ir para o inferno, de vez.

Quando terminou a cerimônia não quis saber de bolo, festinha, nada. Fui para casa e passei a tarde em frente ao espelho, olhando para o meu rosto rasgado.

Cheguei a três conclusões:

Primeiro, que o céu é uma grande besteira.

Segundo, que Deus tinha algo pessoal contra mim.

Terceiro, que o gato era inocente.

A vingança da lombriga

Sempre que o médico afundava minha língua com um palito de sorvete, eu tinha idéias. Eu imaginava que uma lombriga escaparia de dentro de mim e morderia o nariz do médico. Ele largaria o palito de sorvete, abriria a porta do consultório e ia correndo até a recepção, chamando pela secretária. As pessoas na recepção sairiam correndo e nunca mais voltariam. A secretária chamaria a polícia. O médico ficaria bravo porque não era para chamar polícia, só tirar a lombriga do nariz dele. Mas a secretária teria nojo de pegar na lombriga. O médico, por sua vez, não teria coragem de abrir a boca porque daí a lombriga poderia se transferir para dentro dele.

"Uma leve inflamação de garganta", diagnosticava o médico, e isso era o máximo que acontecia.

Sapo no espeto

Depois de dias de chuva saíam os sapos. Atrás dos sapos saía Kleber. Se não fosse por Kleber, eu seria outra pessoa hoje. Se não fosse Kleber, eu poderia morar num sítio. Agora é impossível. Tenho trauma.

Depois da chuva Kleber pegava o espeto de churrasco do seu pai e ia caçar. Fincava o espeto nas costas dos sapos e ia pela rua servindo, como se estivéssemos num rodízio. Quando me viu, disse:

"Feche os olhos e abra a boca."

O espeto estava escondido atrás das suas costas. Eu achei que era bala, chiclete, algo assim. Era bem mais gelado e gosmento. Gritei durante quarenta minutos sem parar. O nojo não passou quando lavei a boca com sabão, quando fiz gargarejo, nem mesmo depois de beber leite. Não passou nunca. Hoje, se um sapo chega perto de mim, o gosto volta.

Pedaço de carne

Eu mastigava um pedaço de bife à milanesa. Estava distraída, mas era sim um pedaço de carne, em princípio. Essas coisas a gente sempre sabe, por algum instinto de sobrevivência. Mesmo quando ela começou a se transformar num bolo amassado e tomar forma estranha, depois de triturada e misturada com saliva, mesmo então eu sabia que continuava sendo um pedaço de carne, ainda que irreconhecível.

À minha frente meu irmão fazia caretas. À esquerda, pai em silêncio. À direita, mãe falando. Não me recordo exatamente quando foi a primeira vez que o fenômeno se deu, mas nunca esquecerei a última. Em algum ponto da refeição eu me perdi em pensamentos e esqueci de engolir. Era de se esperar que, depois de uma mastigação demorada, o pedaço de carne ficasse frio e borrachudo, mas não era só isso. Algo tinha acontecido. Aquilo não era mais a milanesa que eles comiam. Parei de mastigar.

“Engole”, disse minha mãe, sem tirar os olhos do prato.

Impossível. Era tarde demais. Eu não sabia mais o que era aquilo dentro da minha boca. Eu não engoliria por nada no mundo. Meu irmão cruzou os talheres sobre o prato. Encarava-me com olhos esbugalhados.

“Você: continue comendo”, disse minha mãe. Essa segunda ordem era direcionada ao meu irmão.

A política da casa era me ignorar nessas horas. Das primeiras vezes fui virada de ponta-cabeça, levei tapas fortes nas costas, abriram minha boca e tiraram a coisa lá de dentro. Enfim, me socorreram como puderam. Mas, com o fenômeno ficando cada vez mais constante, mudaram a tática. A ordem era continuar a refeição como se nada estivesse acontecendo.

Certa vez, quando eu estava prestes a sufocar, cuspi. A coisa morta caiu dentro da travessa de purê de batata e foi afundando devagarinho. Meu irmão olhava da coisa para mim e da minha cara sem graça para meu pai, que se levantou e deu a refeição por terminada. Numa outra ocasião, aproveitei um momento de descontração e

embrulhei a coisa no guardanapo, depois discretamente a coloquei debaixo do prato. Teria sido perfeito, se ela não tivesse vazado e se espalhado pela mesa. Mas desta vez ela crescia mais do que de costume, e me impedia de manter a boca fechada.

"Engole", repetiu minha mãe.

Vazaria pelo meu ouvido. A coisa precisava de ar e se eu não a soltasse, ela lançaria um ácido corrosivo. Eu corria perigo de vida. Eu sabia de casos de adolescentes que matam a família. Eu não me importava de morrer, afinal fiz por merecer. Mas se o ácido corrosivo espirrasse no resto da família, eu seria presa, caso sobrevivesse.

Meu pai virou um copo d'água sem tirar os olhos de mim. Não disse uma palavra, dando a entender que, se eu cuspisse aquilo, seria o meu fim. Senti um frio atravessar meu corpo e uma leve tontura. Meu irmão segurava uma risada que crescia dentro dele. Eu lacrimejava de dor no maxilar. A coisa forçava sua saída e poderia quebrar meus dentes se eu não cedesse. Meu irmão bebeu um monte d'água, para engolir a risada. Alcancei o guardanapo e tive uma idéia. Agora era irreversível. Se eu fizesse

uma careta naquele exato instante, meu irmão cairia na risada, sendo que sua boca estava cheia d'água. Fiz e funcionou. Meu irmão soltou seu jato d'água. O primeiro, pelo nariz. O segundo foi expelido pela boca e nos cobriu como um escudo perfeito. Era a minha vez. Mirei no centro do seu jato e expeli a coisa na mesma direção, só que em sentido oposto. Inúmeras partículas encontraram-se no ar, como num espetáculo de águas dançantes. Impossível identificar a quem pertencia o que.

Pai e mãe deixaram a mesa, xingaram-nos de nomes que prefiro não lembrar. Depois desse dia, durante muito tempo meu irmão e eu passamos a jantar antes dos nossos pais. Achei uma medida prudente, pelo menos me poupava de situações embaraçosas. Com meu irmão nunca tive cerimônia. Expelíamos coisas um no outro com uma descontração que foi muito positiva para a formação do nosso caráter.

Abelhas, leões e paixões súbitas

Generalizávamos muito, Júlio e eu. Quando aprendemos, por exemplo, que não devíamos correr de leões, aplicamos a técnica a todos os outros bichos. Sabíamos que quando um leão aparece na nossa frente, devemos nos fazer de estátua. Depois de algumas horas, o leão naturalmente vai embora.

Que causa enfado; que é monótono; cansativo.

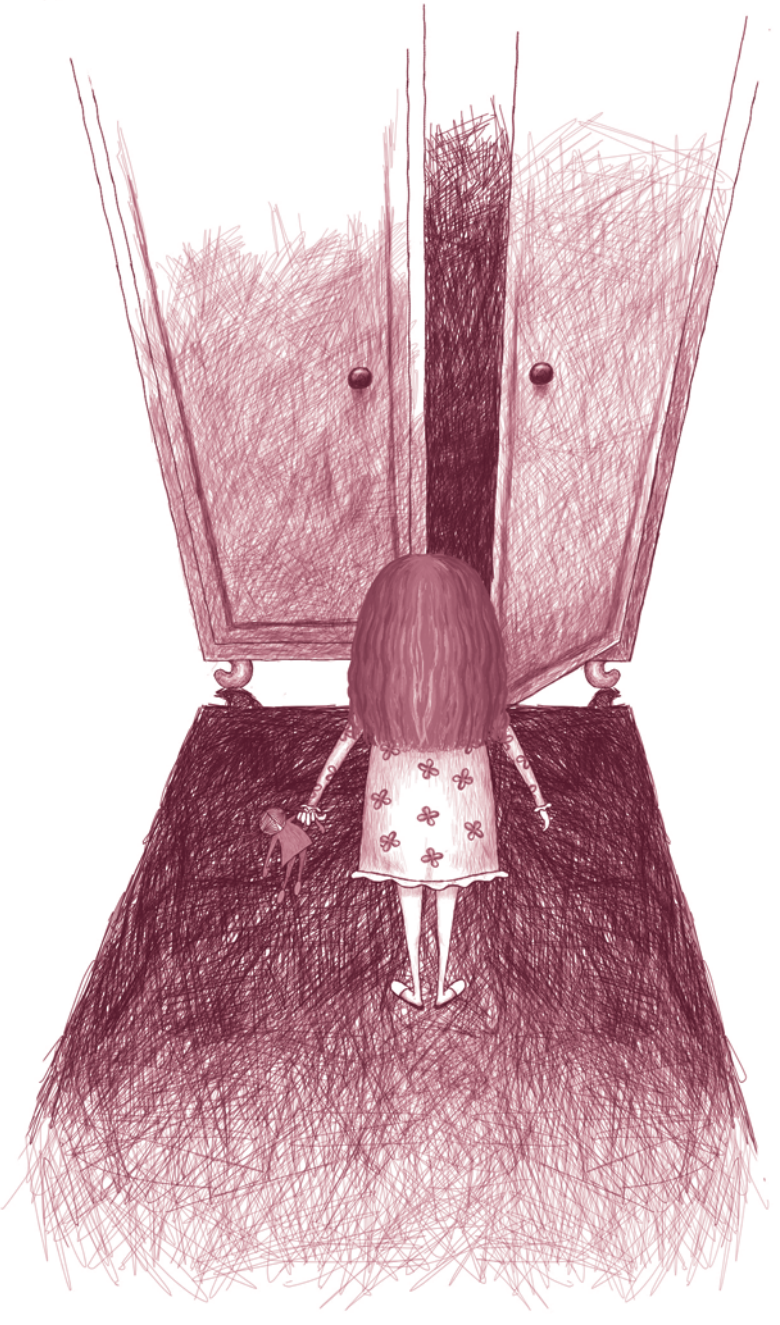
Assim, certa vez, quando chupávamos picolé de limão num dia quente e enfadonho, e fomos atacados por abelhas, decidimos que era hora de aplicar nossos conhecimentos de sobrevivência na selva

Júlio congelou no ato. Boca aberta, língua de fora. Olhou para mim como quem diz: não se mexa! Eu dei sorte de estar com a boca fechada, língua para dentro. As abelhas, vendo nossa nova técnica, rapidamente chamaram as colegas. Gritaram:

"Corram! Corram! Encontramos dois idiotas!"

Foram pousando no picolé, nariz, aro dos óculos, língua... Júlio se manteve firme,

lágrimas escorriam. Só saiu gritando depois da primeira picada, na língua. Decidi, ali, que ele era digno do meu amor.



A necessidade de encarar o Bicho-papão

Eu nunca tive problemas com o Bicho-papão. Mas minha irmã caçula, sim. Ela passou meses sem dizer nada. Toda noite ia dormir na minha cama, por causa de uma lagartixa, pernilongo ou pesadelo. Comecei a desconfiar e um dia descobri: era um monstro que vivia dentro do armário.

"Você vai ter que encarar esse monstro."

"Não."

"Vai."

"Não."

"Vai. Vamos lá."

As portas do armário estavam fechadas.

"Ai.... Tô com medo..."

"Pára com isso! Eu vou abrir o armário e você vai olhar. Não vai ter nada lá dentro."

Coloquei as mãos nos puxadores e olhei para trás. Ela tinha fechado os olhos.

"Abra os olhos!"

Esperei um pouco. Encostei o ouvido na porta do armário.

"Ouviu?", ela perguntou.

“Ele tem a respiração pesada?”

“TEM!!!”

“Hum...”

“Vamos embora.”

“Não. Fica aí e abra os olhos.”

Esperei mais um pouco, para pegar coragem.

“Vai ser rápido. Eu abro e você olha. É para olhar, hein!”

“Tá. Abre logo, então.”

Escancarei as portas e dei de cara com a criatura mais horrenda que já vi na vida. Saí correndo, aos berros, tropeçando nas escadas e só parei de correr quando alcancei o quintal.

“Eu avisei....”

Vitória dela.

Visão do futuro

Às cinco para a meia-noite puxei a cordinha do abajur, joguei o cobertor longe e bati os braços para espantar as almas penadas. Olhei à minha volta. Ninguém no quarto. O equipamento já estava em ordem, dentro de uma caixa de sapato. Pé ante pé alcancei o banheiro e fechei a porta bem devagarinho. Liguei a lanterna, acendi as sete velas, desliguei a lanterna. Tudo isso tinha que ser feito com extremo cuidado. Se eu olhasse para o espelho antes da hora, veria algo que prefiro não dizer, mas seria horrível.

Fechei os olhos e repeti as palavras secretas. Esperei. Só podia olhar no espelho à meia-noite cravada. Se olhasse antes, bem... Não gosto nem de dizer o que aconteceria se eu olhasse antes. Esperei, de olhos fechados. O banheiro estava quente e vermelho. Pensei em dar uma espiadinha, para ver se nada pegava fogo. Eu já não sabia quanto faltava para meia-noite. Podia ser dois minutos ou dois segundos, e

se fosse dois segundos eu podia acidentalmente ver aquilo que Deus me livre. Caso estivesse pegando fogo, eu sentiria o cheiro. Não estava pegando fogo. Era nervosismo. Continuei ali, tentando me acalmar. E se tivesse alguém atrás de mim? Achei que tinha. Assim, do nada, tive a sensação que tinha alguém atrás de mim. Alguém mais alto do que eu. Um homem. Ele usava chapéu. E agora? Se eu abrisse os olhos, veria o homem pelo espelho. Ele abriria a boca e lá dentro eu veria... Era melhor não pensar no que eu veria dentro da boca do homem. Rezei uma Ave Maria, para o homem sumir. O homem fez o sinal da cruz e não arredou pé. Tirou o chapéu, pelo menos. O homem começou a bocejar. Eu não queria abrir os olhos e dar de cara com o homem de boca aberta. Dentro da boca do homem eu veria o que estaria no espelho se olhasse antes da meia-noite. Abri a torneira e joguei um pouco d'água para trás, por cima dos ombros. Escutei um estalo de vela que fez meu coração quase sair pela boca. Meus olhos queriam abrir de qualquer jeito. Dei uma requebrada e tive certeza que estava novamente só. Esfreguei

os olhos para que eles parassem de tremer e ficassem fechados. Respirei fundo. Não podia faltar muito para meia-noite. Repassei as instruções: Olhar-se no espelho à meia-noite, à luz de sete velas. Meu cabelo estaria todo em pé. Sempre que vou ao banheiro no meio da noite, eu me assusto. Ele cresce para os lados e às vezes faz chifres. O que eu veria ao me olhar no espelho já seria assustador por si. Alisei os cabelos. Nas instruções também dizia que poucas pessoas no mundo têm o privilégio de ver o que eu estava prestes a ver, pois o medo toma conta da pessoa e ela não chega até o fim. Acontece também de fatores alheios, e de difícil compreensão, interferirem de modo a colocar tudo a perder. Um vento que sopra e apaga uma das velas, um irmão que vem bater à porta do banheiro, os olhos que, grudados por remela, não abrem na hora exata. Coisas assim...

Chacoalhei o despertador. Não ouvia o tic-tac dos ponteiros. Ele tinha parado! Hum... Aquilo não era um bom sinal. Fiquei na dúvida quanto ao que fazer. Eu sabia o que veria se olhasse antes da meia-noite. E era isso o que eu precisava evitar a

qualquer custo, pois seria horripilante. Se olhasse à meia-noite exata, veria aquilo que queria ver, e que também seria assustador, mas era o que eu queria. No entanto, nas instruções nada falava do que aconteceria se eu olhasse depois. Pelos meus cálculos, já tinha passado da meia-noite. De concreto eu sabia que o despertador emperrou, por fatores alheios de difícil compreensão – igualzinho dizia no livro. Eu tinha perdido a vez. Agora havia dois caminhos a seguir: abrir ou não abrir os olhos.

Se eu abrisse os olhos, desvendaria um mistério que, de tão obscuro, não estava nem nas instruções. Ninguém, na escola inteira, sabia o que acontecia se você abrisse os olhos depois. Nunca, de todas as meninas da escola, jamais alguma comentou qual era a punição por atraso. Eu sabia de vários castigos por ter olhado antes. Camila Moreira dos Santos nunca mais dormiu de luz apagada depois de ter visto quinze segundos antes. Hoje em dia, se ela tem vontade de ir ao banheiro no meio da noite, tem que esperar amanhecer. Chega a ficar com dor de barriga, mas não se arrisca a ver de novo. Visto assim, minha

situação era privilegiada. O que a gente vê depois não é o mesmo que se vê antes. Eu só não sabia se era melhor ou pior. Isso não importava. Se eu visse o que acontece depois, podia contar para a escola inteira e todo mundo acreditaria porque ninguém teria provas para me contradizer. No entanto, havia um risco: esta era uma situação única. As regras eram claras quanto a não tentar duas vezes, pois na segunda vez a pessoa corre risco de morte. O que eu fazia naquele banheiro, naquela noite, nunca mais poderia ser feito em condições seguras. Eu tinha falhado. A essa altura já devia ser meia-noite e meia. Comecei a ficar deprimida. Eu teria que morrer e reencarnar para tentar de novo. Agora tudo que eu tinha era o relato das minhas amigas, nos quais não acreditava. Confiei meu futuro num despertador barato de coreano, comprado na feira por sete reais. Bem-feito para mim. Se eu fosse uma sacerdotisa de verdade, eu não usaria um despertador de plástico barato. Eu teria pensado nisso. Fiz por merecer. A cera das velas já devia estar grudando no tapetinho. Ainda mais essa! Eu teria que arrancar a cera seca an-

tes que minha mãe acordasse. Eu só queria voltar a dormir. Aquela vida não tinha mais importância. Viveria para sempre como qualquer mortal, sem saber o que seria de mim. Abri os olhos e nem olhei.

Periquito verde e as pequenas psicopatas

Débora era minha amiga histérica, mas valia a pena aturar seu histerismo, pois quando estava com Débora, coisas aconteciam. Nesse dia aconteceu um incêndio no prédio da frente. Foi espetacular. Sentadas na calçada oposta, fornecíamos informações aos transeuntes, dávamos a contabilidade dos corpos e qualquer outro detalhe que quisessem saber.

Que está de passagem ou temporariamente em algum lugar. (diz-se de pessoa).

Quando voltamos para casa, o periquito verde de Débora estava estirado no chão da gaiola. Morto. Foram quarenta minutos de histeria e a pergunta:

"E agora? O que a gente vai fazer?"

O periquito azul, vivo, não podia ficar com o corpo do verde ali. Débora mandou que eu tirasse o morto da gaiola.

"Tira você", respondi.

"Eu não consigo. Tira você."

Tirei, embrulhei o bicho num papel alumínio e guardei no freezer, para a mãe da Débora decidir o que fazer. Nunca me sen-

ti tão sensata na vida: alumínio e freezer. Fiquei chocada quando, horas depois, tive que ouvir um sermão sobre hábitos de higiene, freezer e cadáveres.

Psicologia infantil

A mãe de Débora era psiquiatra e quando eu acrescentei três colheres de açúcar ao Nescau, ela disse que não precisava, pois se eu reparasse no rótulo e lesse instruções uma vez na minha vida, eu veria que ali estava escrito que o produto já era açucarado. Mas eu, pelo menos, não atropelava as bicicletas das crianças da rua, como ela fazia quando estava atrasada para uma consulta com seus clientes doidos, e passava com seu carro por cima das nossas bicicletas, e ainda botava a cabeça para fora do carro e nos xingava. Ah, sim, porque apesar dos termos que ela usava: depressivos e esquizofrênicos, no fim era tudo doido. E, também, eu não tinha um filho que guardava uma cobra morta dentro de um jarro de maionese, coisa que ela tinha. Além do mais, eu tinha onze anos de idade, e isso ela nunca mais teria. Eu não precisava passar a tarde ouvindo gente doida falando um monte de asneiras. Minha única obrigação era uma redação

para a aula de Português, coisa que eu já havia feito. A minha e da Débora, que era péssima em redação. Acrescentei mais três colheres de açúcar ao meu Nescau já açucarado. Ela tirou o copo da minha frente.

"Que loucura é essa?", perguntou.

"Eu é que pergunto. Neurose?"

"Eu vou ligar para a sua mãe agora mesmo", disse a psiquiatra.

Os olhos de Débora se encheram de lágrimas, os meus também. Choramos juntas. Foi comovente. Aos onze anos de idade eu tinha o fantástico dom de conseguir chorar quando bem quisesse. Era tão simples quanto virar uma pirueta.

"Parem já com isso!"

Estávamos aos prantos, agarradas uma à outra. A psiquiatra atrasada não encontrava a agenda com o telefone da minha mãe. Eu sabia de casos de pacientes doidos que, por ficarem esperando na salinha de recepção por muito tempo, começavam a se sentir rejeitados e zupt – voavam pela janela.

"Qual o seu telefone?"

Dei o telefone errado, mas por um número apenas. O seis pelo três. A psiquiatra

nem pediu desculpas para o desconhecido que ela perturbou na privacidade do lar.

“Repita o número.”

“Por favor...”

“Fala logo o número da sua casa, menina!”

Ela não podia bater em mim. Eu contaria para minha mãe e ela perderia todos os pacientes doidos. Por mim, eu esperaria até ela pedir com educação. Apenas fazia o que ela faria comigo. Sou uma pessoa justa. Só cedi porque tive dó da Débora. Ela implorava para eu parar de provocar sua mãe. Dei o número verdadeiro, apesar de ela não ter pedido "por favor". Engoli um monte de ar e falei entre soluços convulsivos. Ela não entendeu nada.

“Fala direito!”

Minha mãe pediu para falar comigo. Alcancei o telefone tomando cuidado para manter a maior distância possível da psiquiatra. Mamãe perguntou se estava tudo bem e eu pedi pelo amor de Deus para ela me buscar; porque eu não podia falar, mas precisava ir embora dali urgentemente. Mamãe nunca chegava a lugar algum em menos de uma hora. A essa altura os psico-

patas deviam estar fazendo fila na janela da recepção. Desliguei o telefone antes que a psiquiatra pudesse falar com mamãe.

"Ela já vem vindo?", perguntou.

Fiz que sim, enquanto enxugava as lágrimas. Débora me puxou pela mão e voltamos para nossa casinha. O feijão estava queimando e as crianças tinham acordado. Ouvimos um barulho estranho.

"Débora, acho que a sua filha caiu do berço!"

"E por que não a sua filha?", perguntou a psiquiatra.

Ela gostava de fazer joguinhos desse tipo.

"Porque a minha já tem quatro anos e não dorme mais em berço."

A psiquiatra pegou as chaves do carro. Débora correu para acudir a filha. Eu continuei ali, mas a psiquiatra não olhava mais para mim.

"Débora, vem dar um beijo na mãe!", gritou, já à porta.

Eu peguei a filha de Débora no colo, enquanto ela se despedia da mãe. Fiz um carinho no bebê.

"Débora, é melhor levá-la ao hospital. Repare nos olhos dela."

Fiz alguns movimentos de mão em frente ao rostinho do bebê. Seus olhos não acompanharam. De duas uma: ou tinha ficado cega ou retardada mental. Débora entendeu o mesmo que eu e corremos para o hospital. A psiquiatra bateu a porta sem nem se despedir de mim.

O coelho que não é urso

Aos nove anos de idade ganhei um coelho de pelúcia.

"Mas eu queria um urso!"

O coelho baixou as orelhas, fez cara de choro. Eu tinha carneiros, macacos, araras, cobras, vacas e centopéias de pelúcia. Urso que é bom, nunca ganhei. Botei o coelho entre o macaco e a vaca. Acho que foi aí que ele pegou birra de mim.

O problema é que a birra foi crescendo e virou ódio. Com o passar do tempo tive que trancá-lo no banheiro antes de dormir, pois à noite seus olhos ficavam vermelhos e ele pulava no meu travesseiro. Queria me estrangular. Ele dizia que eu era uma ingrata e que devia respeitá-lo. Eu gritava de volta que era para ele parar com aquilo, pois não seria daquele jeito que conquistaria meu amor. Atirava-o contra a parede. O coelho chorava e dizia que eu era mimada e horrorosa, que o mundo estava cheio de criancinhas que adorariam ter um coelho como ele. Eu respondi que, se ele quises-

se, podia mandá-lo de presente para uma criancinha afegã, por mim não tinha problema. Ele me mandava calar a boca.

Natural do Afeganistão, país da Ásia.

Eu me arrependia, mas o que eu podia fazer? Ele era apenas um pelúcia.

O engraçado é que de todos os bichos, foi o que mais durou. Agora que está velho, encardido e caolho, parece ter se conformado comigo. Não me ataca mais, só resmunga de vez em quando:

"Você podia pelo menos falar alguma coisa sobre mim, nessas besteiras que você escreve aí."

Pois aqui está: para meu querido coelho raivoso.

Os Cristos de Ana Paula

Ana Paula era uma dessas amigas que a gente deixa para os dias em que todas as boas amigas nos abandonam e não sobra mais ninguém. Ela era melhor do que nada. O problema é que Ana Paula via coisas. Jesus Cristo, por exemplo.

Meu truque era manter a conversa animada para ela não sair devaneando, olhar para o horizonte e ver. Quando ela via, seu maxilar ficava frouxo e o olhar vidrado. Era um saco. Meu medo era olhar na mesma direção e ver. Eu não queria ver nada. Seus olhos azuis se enchiam de lágrimas e ela falava:

"Oh! Ele está tão lindo hoje!"

Nunca perguntei, mas tenho a impressão que cada dia Ele aparecia com uma cara diferente.

Nunca mandei Ana Paula plantar batatas. Devia. Vira e mexe ela ia para a enfermaria, depois era dispensada. Até que um dia ela mudou de escola. No meio da semana, no meio do ano, sem explicação. Depois

que Ana Paula se foi, toda vez que eu passava pela árvore onde os Cristos apareciam para ela, eu corria feito louca.

Temia que Eles aparecessem para mim também. Tínhamos o cabelo meio parecido.

Cavalos-marinhos e pêlos pubianos

Quando surgiram os primeiros pêlos pubianos pensei: hum... devo estar mudando de sexo. Saí do banho e fui assistir novela. Na hora do intervalo pensei: como informar meus pais? Na hora do jornal pensei: ah, deve ser uma coisa natural. E, como coisa natural, eles vão perceber. Eu só tinha uma certeza, estava passando por transformações. Na escola falava-se muito sobre as tais transformações. Era isso! Dentro de algumas semanas eu seria menino. Bacana!

Na semana anterior eu tinha visto um documentário sobre cavalos-marinhos. Eles também mudavam de sexo, e o macho engravidava. E daí tinha os *escargots*, que eram macho e fêmea ao mesmo tempo, sendo que eles dividiam os ovos. Cada um botava metade. Além do mais, se estava acontecendo comigo, devia estar acontecendo com os outros também. Vai ver até o final do ano todo mundo teria mudado. A professora tinha falado: "tem coisas que

Espécie de caracol comestível.

vocês nem podem imaginar...". Ela só não fazia idéia do quão desenfreada era minha imaginação.

O pintinho e o analista

Um dos motivos por que não faço terapia é por saber que lá pelas tantas o analista vai perguntar:

"Qual é a sua primeira memória de infância?"

E como estarei pagando os olhos da cara, vou me sentir na obrigação de dizer a verdade. Mas como é que se diz: "sou eu correndo atrás de um pinto", sem abrir espaço para as interpretações mais estapafúrdias?

Que não é lógico; disparatado; incoerente.

Era um desses pintinhos amarelos de feira. Naquela época crianças ganhavam pintos quando iam à feira com suas mães. Seu nome era José, e quando busco a mais remota das lembranças, é esse pinto que encontro. José correndo pela escada de incêndio, e eu atrás, chamando por ele. José some e eu volto para casa sem o pinto.

Dito isto, o analista vai tossir e fazer um barulhinho do tipo:

"A-hã..."

Isto me irritará profundamente e eu começarei a me explicar melhor, o que apenas piora a situação.

Dálmatas e casamentos

Amanda mudava de marido a cada três anos. Quando a conheci, tinha 27 anos e estava no terceiro. Era um japonês legítimo, nem falava português, o que não significa que Amanda falasse japonês. Mas eles se entendiam. Como esse era para ser duradouro, ela me convenceu a ir jantar na casa deles, para conhecer o novo marido.

Fui avisada de que ele era bravo. Quando toquei a campainha um dálmata pulou em cima de mim. Cumprimentei o cachorro pedindo a Deus que eu estivesse errada. Amanda explicou que o japonês estava no banho. Amém.

Almoçamos em duplas. Amanda e o japonês num lado da mesa, o dálmata e eu no outro.

Amanda e o japonês comiam do mesmo prato, e como o japonês não falava português, perguntei:

"Você não se incomoda de comer do mesmo prato que ele?"

Amanda respondeu que era a coisa mais romântica do mundo, e que eu não enten-

deria. O dálmata tinha sua tigelinha, que ficou o tempo todo em cima da mesa, ao lado do meu prato. Depois do jantar ficamos os quatro na sala conversando. O japonês com a cabeça no colo da Amanda. O dálmata, deitado sobre meus pés.

O jeito seria esperar o fim daquele casamento para retomar a amizade.

Amores perros

Não me pergunte por que, mas por algum motivo fui parar no meio de uma palestra esotérica. Lá na frente, uma mulher de bata esvoaçante falava sobre o poder do amor. Tudo bem. Pelo menos a gente não precisava se abraçar e cantar. Encolhida na última fileira, eu ficava entre deixar a sala e continuar para ver o tal poder do amor. A mulher, americana, começou a palestra dizendo que ela podia fazer demonstrações práticas. Eu queria cadeiras voando, algo assim.

Ela pediu que fechássemos os olhos e pensássemos na pessoa que mais amamos no mundo. Depois de poucos segundos de olhos fechados, uma senhora na primeira fileira levantou a mão.

"Pode ser cachorro?"

Outros reforçaram a pergunta:

"Ou gato?"

A palestrante decidiu que seria melhor abrir para animais. Fiquei até o fim. Não entendi o poder do amor. Passei o resto da palestra tentando descobrir quem, ali, trocou o marido pelo cachorro, ou a mãe pelo gato.

Namorado e medo de piolho

Sílaba ou poema religioso normalmente entoado como oração.

Livro não vende. Não vende porque as pessoas não lêem. E assim ficava, num eterno mantra de que nesse país ninguém lê. Certo dia resolvi tomar uma providência. Procurei uma creche comunitária e pedi uma turma de jardim. Meu raciocínio era que de nada adiantava ensiná-los a ler, se eles não entendessem para que servia a leitura.

Ganhei a turma. Entre 4 e 5 anos. Analfabetos de tudo, do jeito que eu queria. Comecei a ler para eles. Levei um monte de livros, fizemos uma roda e passamos várias tardes assim, eu lendo e eles prestando atenção, sem piscar, de tão curiosos. Foi comovente. Ia embora feliz, certa de que estavam pegando gosto pela coisa.

"Você não tem medo de pegar piolho?", foi o único comentário do meu namorado.

Corta.

Seis meses depois, continuava me encontrando semanalmente com a turminha. No final da leitura eles pulavam em cima de mim, me abraçavam, me cobriam de beijos.

Nunca peguei um piolho sequer. O namorado dançou faz tempo.

A biblioteca silenciosa

Depois da capela gelada, a biblioteca era o segundo lugar mais sagrado da escola. Não que fôssemos proibidos de entrar; éramos estimulados a freqüentá-la, contanto que tivéssemos boas intenções. Dona Jandira, a bibliotecária, foi explícita durante nossa primeira visita como pessoas alfabetizadas. Disse que ali estava reunido o conhecimento da humanidade. Podia ser usado para o bem ou para o mal. Isso dependia de nós, e cabia a ela nos orientar nesse aspecto. Livros, ela nos alertou, são munição para o pensamento.

"Escolha-os bem."

Nessa época meu pensamento estava voltado para coisas do outro mundo. E por se tratar de uma escola de freiras, o livro que eu procurava não teria passado por aqueles portões, quanto menos encontrado lugar naquelas estantes. E, caso tivesse, dificilmente eu teria permissão para lê-lo. Segui a bibliotecária e meus quatro colegas. As expedições pela biblioteca não podiam

ultrapassar cinco alunos por vez: essa era a primeira regra. A outra era que não podíamos fazer barulho. A exceção a isso se dava somente quando estivéssemos ao balcão de empréstimo e devolução. Ali deveríamos nos dirigir à bibliotecária a fim de informar o título e autor do livro que buscávamos. Caso não soubéssemos, poderíamos explicar, em voz baixa, o assunto. Como meu assunto era indizível, teria que me contentar com mais um Monteiro Lobato. Nada contra a turma do Sítio. Eu simpatizava com eles, e vinha acompanhando suas peripécias há um bom tempo. Mas eu sabia que criatura alguma daquele universo chegaria aos pés do Minotauro, e esse eu já tinha decifrado.

Sítio do Pica-pau Amarelo, local onde moravam os principais personagens da obra de Monteiro Lobato (1882-1948).

Personagem mitológico com corpo de homem e cabeça de touro.

Vagava por um corredor da seção policial, quando um título atraiu meus olhos. Reli três vezes as palavras: *O Escaravelho do Diabo*. Encolhida, folheei aquilo. Assassinato, morto, inexplicável, pânico. Apertei o livro contra o peito, sem saber o que fazer. Minha única saída era devolvê-lo e fingir que não o tinha visto. Seria melhor para mim. Jamais permitiriam que eu saísse dali com *O Escaravelho do Diabo*. A existência daquele livro confirmava minhas suspei-

tas. Abri-o novamente. O cartão colado na contracapa mostrava uma lista iniciada em abril de 1986. Desde então alunos vinham retirando aquele livro, ano após ano. Alunos que não estavam mais conosco, que já haviam deixado a escola e cujos destinos eu só podia especular. Alunos que se foram, para lugares indeterminados.

Seria muita ingenuidade acreditar no valor literário da obra. O nome da autora não me dizia coisa alguma. A professora de literatura era exigente quanto a isso, e se aquela autora tivesse alguma importância, ela já teria caído numa prova. Lúcia Machado de Almeida; uma incógnita, um pseudônimo – talvez. Um romance policial ambientado na cidade de Vista Alegre. Uma pacata cidade se encontra sob ataque de um inseto – era o que a tal Lúcia tinha a dizer sobre o livro. Pois ela que me desculpasse, mas a questão era muito maior. Dentre as centenas de livros da biblioteca, *O Escaravelho do Diabo* foi despretensiosamente inserido para quem quisesse ler. Irmã Lurdes estava a par daquilo e por algum motivo queria que aquele livro chegasse às minhas mãos.

Dado que não se pode avaliar, que se ignora; enigma; mistério.

Nome adotado por autor ou responsável por uma obra, que não usa o seu nome verdadeiro.

Fui até o balcão de empréstimo e devolução e, sem dizer palavra, entreguei o livro à Dona Jandira. Ela transpôs dados da minha ficha para o livro e vice-versa. Bateu o dedo indicador duas vezes na capa, precisamente sobre a palavra que ambas tínhamos em mente. Percebi, pelo som seco da batida, que sua unha era bem dura.

"Boa escolha", disse, e piscou.

Aquela era a última aula. O sinal das cinco da tarde tocou, mas Dona Jandira não se mexeu. A biblioteca estava vazia e a porta de saída longe. Enfiei o livro debaixo da camiseta e corri dali.

Livros pompom

Sempre que me deparo com livros que soltam gritinhos e têm pelúcia na capa, eu me pergunto:

"Por que não escrevo coisas assim, fico rica e viajo o mundo?"

A fim de tentar responder esta pergunta, criei um sistema de leitura para livrinhos desse tipo. Antes de ler suas cinco páginas de texto, avalio o que eu teria feito. O de ontem tinha antenas e se chamava *Bia, a abelha*. A minha Bia, a abelha, seria:

1) na verdade um coelho, que nasceu num corpo de abelha e, por ter natureza de roedor, rói o caule das plantas e é expulso da colmeia.

2) uma abelha que foge por não concordar com os caprichos da rainha e começa uma sociedade alternativa, que não dá certo porque ninguém trabalha, só ficam tocando violão ao redor da fogueira.

3) uma abelha que tem um zumbido no cérebro, acaba se perdendo na floresta e tem que se infiltrar em outra colmeia, onde as regras são diferentes.

Então abro o *Bia, a abelha* oficial. O que eu devia ter escrito, para ficar rica e viajar o mundo, é a história de uma abelha que não sabia que para chegar às flores ela tinha que voar. A idiota escalava. Para o desfecho eu teria que criar uma joaninha que explica à Bia que ela devia bater suas asas. Final feliz.

O que eu aprendi com as gorilas

Existe uma tribo de gorilas numa dessas montanhas da Índia, onde viveu uma pesquisadora, dessas que não usa desodorante nem xampu para não interferir no meio ambiente. Graças a pesquisadoras assim é que se descobriu uma peculiaridade muito interessante sobre o flerte entre esses primatas.

Como você sabe, geneticamente falando, eles estão a meio cromossomo de distância de nós, humanos.

Nessa tribo, quando uma gorila quer seduzir um gorilo, ela tem que se mexer. Não basta lançar olhares, colocar uma minisaia, dar risada mais alto e jogar os cabelos para trás. As gorilas só conseguem a atenção dos machos porque elas vão até eles, esfregam-se contra seus corpos, pegam suas cabeças e fazem com que eles olhem para elas. Então elas se colocam na posição desejada e ficam ali, rebolando. Depois de tudo isso o gorilo entende o recado.

Deixo aqui espaço para as conclusões de cada um. Eu, particularmente, tirei várias, que aplico no meu dia-a-dia, quando convém.

Notícias do dromedário

Esses dias conheci um funcionário do Zoológico de São Paulo. Não pude deixar de perguntar como estavam os sobreviventes. Então ele começou a me contar as histórias. Uma mais triste que a outra. Tão tristes que nem tenho coragem de passá-las adiante. Contarei apenas uma, do Senhor Dromedário.

Agora ele é viúvo. Há mais de um ano está sem sua companheira, a única que conheceu na vida. Eram muito apaixonados, e tinham uma cumplicidade enorme. Quando humanos faziam piadas sobre corcunda e defeitos da natureza, eles sorriam um para o outro, e até achavam graça. O importante, para o casal, é que estavam juntos, e felizes.

Nos últimos meses a tristeza do Senhor Dromedário chegou a tal profundidade que ele começou a comer as próprias fezes. Tenho vontade de ir até lá e dizer que todos nós passamos por isso; que quando a pessoa amada se vai, fica esse vazio que só au-

menta. Mas sei que Senhor Dromedário, ao ouvir meu consolo, dirá:

— Mas, querida, eu sou um dromedário em São Paulo... Onde é que vou encontrar outra companheira?

E para isso eu não terei resposta.

Cabeça de pingüim

Certa vez encontrei um pingüim decapitado em Ilhabela. Era um dia feio, eu andava pela praia e vi um bicho preto. Chutei de levinho, ele se virou de barriga para cima. Macabro.

Procurei a cabeça, não podia estar longe. Fui cavoucando aqui e ali. Por que eu queria achar a cabeça? Não sei, mas me parecia a coisa certa a se fazer. Não achei cabeça alguma. Pensei em ligar para o Ibama e informar o caso. Eles perguntariam pela cabeça, mas como dizer que quando eu o encontrei já estava assim? Eles não acreditariam.

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

Coloquei o pingüim em pé, sobre as pedras no canto da praia. Ele tinha uma tornozeleira de metal com um código. Era monitorado. Se ao menos eu encontrasse uma bola para colocar no lugar da cabeça...

Mergulhei o corpinho na água, para tirar a areia. Era uma pena não ter papel comigo. Podia deixar um bilhete de suicídio. Continuei procurando formas esféricas. Encontrei uma lata de Coca-cola e foi com

a lata mesmo. Ficou interessante. Parecia arte moderna. Deixei o pingüim encostado contra as pedras, com cabeça de Coca-cola, e voltei para a pousada. Meu namoro estava por um fio.

O peixe dele

Vivi com um peixinho dourado que me causava grande agonia. Achava sua vida tão besta, preso naquele aquário. Nessa época eu assistia muita televisão. Ele ficava na mesinha ao lado do sofá. Podia assistir também, se quisesse. Mas ele nem percebia, acho que pela surdez. Dizem que peixes são surdos.

Certo dia, estávamos ali, quando ele se jogou no tapete e afundou. Chamei o dono do peixe, que era também meu namorado.

"Seu peixe pulou!"

O dono do peixe estava no banho. Gritou:

"PEGA ELE!"

"TENHO NOJO!", gritei de volta.

"PEGA ELE PRA MIM!!!"

Dei um tempinho e gritei de volta:

"NÃO CONSIGO!"

Então o dono veio enrolado numa toalha, apalpou o tapete e me olhou com uma mistura de ódio e medo.

A minhoca da tequila

Engoli.

Sabia que se engolisse seria considerada corajosa, ousada, destemida, sensual, sexy, poderosa e moderna. Ah, e arrojada também.

Meu único medo era ter uma disenteria ali mesmo, no balcão. Teria que correr para o banheiro, o que podia prejudicar a recém-conquistada reputação de corajosa, ousada, destemida, sensual, sexy etc... Também não podia pedir água. Afinal, agora que eu tinha uma minhoca dentro de mim, nunca mais beberia água. Eu era sexy.

Então, em espanhol.

"*Entonces*?", perguntou o barman.

Levantei uma sobrancelha que queria dizer que aquilo era café pequeno, que de onde venho a gente come escorpiões no palitinho.

O resto da noite ficou um pouco nebuloso. Só lembro que na manhã seguinte eu não estava nem um pouco corajosa, ousada, destemida, sensual, sexy, poderosa ou coisa alguma. Eu me sentia como uma co-

medora de minhocas: algo entre um frango e um peixe.

A crueldade dos hamsters

Certa vez, fui passar um par de dias no apartamento da minha tia Nazareth. Ela ia viajar e eu ficaria com um casal de hamsters. Eles na gaiola, eu solta. Achei que não teria problema.

Eles tinham água e a comidinha deles, que é um grão que parece amendoim. Estavam abastecidos, de modo que eu não precisaria nem chegar perto. Mas cheguei, e foi aí que acabou-se a tranqüilidade do fim de semana.

Um dos hamsters tinha enfiado um amendoim dentro do olho. Agora, em vez de olho, ele tinha um amendoim vermelho.

Tia Nazareth, que já desconfiava que eu não gostasse de hamsters, pensaria o pior. Ela pensaria que eu tinha enfiado o amendoim no olho do bicho! Foram dias de grande agonia. Não dormi naquela noite, me perguntando por que ele fez aquilo comigo. Por que um bicho infligira tanta dor em si, só para prejudicar um ser humano? Oh.. aquilo era muito cruel...

Na segunda-feira de manhã escrevi quinze bilhetes antes de deixar a chave na portaria. Rasguei todos. Decidi que Deus, minha única testemunha, daria um jeito.

Vários dias se passaram e tia Nazareth não telefonou me acusando, nada aconteceu. Demorou meses para eu conseguir tocar no assunto. Só então descobri que aquele amendoim, na verdade, era um tumor. O hamster era cego de um olho.

Baleias e melancias

Creio que Deus usou forminhas na criação do mundo. Primeiro ele fez o mundo vegetal, depois o animal, mas por ser um camarada ecologicamente correto, quis reaproveitar as formas.

Tudo isso eu percebi no dia que coloquei, lado-a-lado, uma baleia e uma melancia. Tchan!

Segue a lista das forminhas:

Couve-flor = ovelhas

Bananas = girafas

Morangos = joaninhas

Abacaxis = leões

Gengibre = formigas

Berinjelas = golfinhos

Cenoura = salmões

Milho = pintinhos

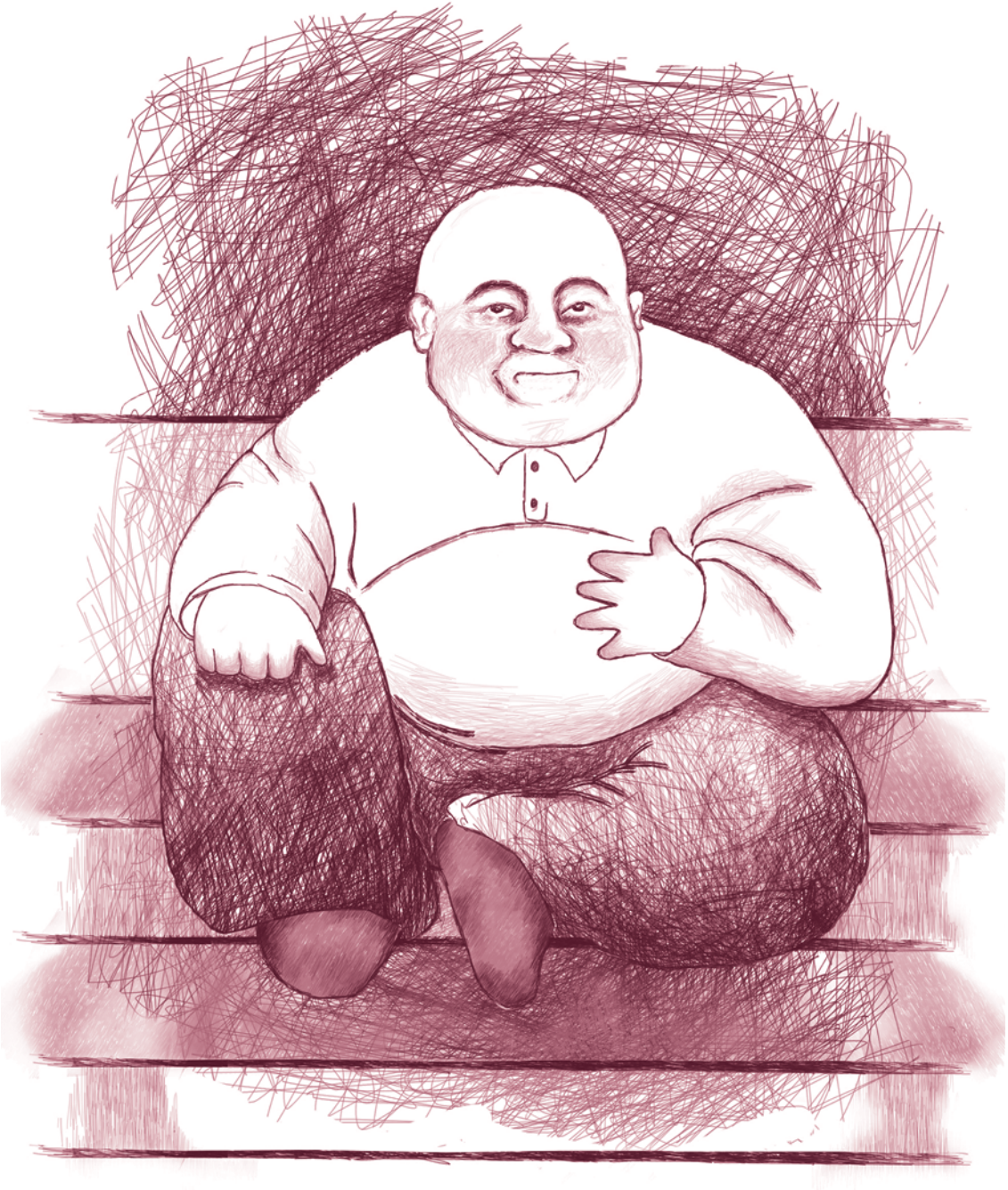
Kiwi = periquitos

Chuchu = iguanas

Batata roxa = hipopótamos

Figo = morcegos

Mexerica = peixinhos dourados, sendo que cada gominho eqüivale a um peixe.



O homem-sapo-boi

A três portas da minha vive o homem-sapo-boi. Ele não é perigoso. Fica sentado ali, todo espalhado e quase imóvel, a não ser por dois pequenos olhos. Esses olhinhos se mexem conforme passam as pessoas.

De manhã bem cedo a mulher abre a porta e ele pula até os degraus da frente. Afasta as pernas, encosta os cotovelos nos joelhos e pronto. No começo eu ficava sem jeito de passar por ali. Achava que ele fosse pular. Com o tempo percebi que se eu falo: "bom dia", ele responde "dia"; se eu falo "boa tarde", ele responde "tarde".

Quando está de olhinhos abertos, cumprimento. Às seis horas a mulher pega a vassoura e empurra ele para dentro. Às vezes ele empaca, não quer se mexer. Mas ela vai afundando o cabo da vassoura na barriga até ele se irritar. Por fim o homem-sapo-boi se vira bem devagarinho e pula para dentro da casa.

Sensação de lagartixa

A única coisa boa sobre as lagartixas é a capacidade regenerativa. Tirando isso, é um bichinho asqueroso. Em todo caso, elas me fascinam. Não sei se você já ficou segurando sua própria língua com a ponta dos dedos. Caso tenha, saberá do que estou falando. A língua se revolta, é como se ela não quisesse obedecer ao comando dos dedos e isso pode dar um conflito danado.

Esses dias sonhei que, no meio de uma discussão, arranquei minha própria língua e a joguei longe. Ela caiu no ralo da pia. Entalou. Então eu percebi que, ao contrário das lagartixas, aquilo seria um problema, pois não existe implante de língua. Enfiei os dedos no ralo para tentar pegá-la, mas ela fez essa coisa de não querer vir.

Nesse ponto do sonho eu senti os dois: a boca sem língua, que parecia um grande oco, e a língua agonizando no ralo da pia. A terceira sensação era de ânsia de vômito. Mas, como eu não tinha mais língua, não poderia vomitar, pois engasgaria

e morreria tentando vomitar sobre minha própria língua.

Desde então tive uma certeza: as lagartixas sentem o rabo estrebuchando no outro canto da sala.

As partes removíveis do corpo

Quando Deus nos fez desse jeito, Ele sabia o que estava fazendo. Eu acho que Ele fez um excelente trabalho: sistema digestivo, pele, saliva, tudo muito bem pensado. No entanto, eu gosto de dar idéias, e no que diz respeito ao corpo humano, tenho uma sugestão.

Acho que algumas partes poderiam ser removíveis. Não todas, mas olhos, orelhas, boca e nariz, sem dúvida.

Tenho sonhado muito com cabeças removíveis. Comecei sonhando que a cabeça da Valentina rolava pela casa. Valentina é minha gata. Isso era ótimo, pois ela podia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Agora, nos sonhos, eu tenho levado a cabeça dela comigo. É como o Idéiafix nas aventuras do Asterix. Quando vejo, lá está a cabeça da Valentina acompanhando minhas aventuras sonhadas. O corpo fica em casa.

Cachorro de Obelix, personagem das histórias de Asterix, criadas pelos franceses Albert Uderzo (1927) e René Goscinny (1926-1977).

Minha sugestão, especificamente, é quanto aos órgãos sensitivos. Remover olhos seria excelente no caso de viagens longas, filmes

de terror, restaurantes sujos. A remoção das orelhas, então, seria um bem à humanidade. Eu, por exemplo, só colocaria orelhas para ir ao cinema. No resto do tempo, andaria sem. Remoção de bocas seria ótimo para quem quer emagrecer. A operação seria bastante simples. Para tirar o membro bastaria puxar. Enquanto não estiver em uso, guarda-se o membro na geladeira. Para recolocar é só esfregar na área a que pertence.

Vinte dedinhos

Assim que acordo, eu conto os dedos do pé. Tem que dar dez, cinco em cada um. Então, conto os da mão direita, que deve conter mais cinco, totalizando quinze. E depois os da esquerda. Primeiro direita, depois esquerda – é importantíssimo que a ordem seja mantida. Na mão esquerda eu devo encontrar mais cinco, que somados ao restante darão vinte. A pessoa completa deve ter vinte dedos ao acordar. Isso representa uma bacia de dedos, que se colocados na balança, são bem levinhos: uns cento e cinqüenta gramas, quando muito. Não é pelo volume, é mais pela falta que fazem. Mesmo o dedinho do pé tem função: equilibrar o resto do corpo. E caso você pule da cama sem ter conferido tudo, e só for descobrir a falta de um deles na hora do almoço, será tarde demais. Ele já terá rolado para algum canto debaixo da cama e nunca mais será encontrado. Mas se você procurar entre as dobras do lençol, ainda tem boas chances de colocá-lo de volta.

Um outro detalhe importante antes de deixar a cama de manhã é abrir apenas um olho e examinar todo o ambiente, cada detalhezinho. Se algum móvel estiver num lugar esquisito, feche os olhos. Isso acontece porque você acordou antes do previsto. Durante a noite, e às vezes até quase de manhãzinha, os objetos inanimados precisam se exercitar. Por exemplo: a escrivaninha caminha até o banheiro, o abajur rola até a cozinha. Eles dão uma voltinha. Sabe-se que isso acontece, mas mesmo assim, não é saudável olhar – pode provocar pesadelos.

A terceira coisa é que, algumas vezes, dependendo de como está o alinhamento das estrelas, passagens para outras dimensões são abertas. Isso é facilmente explicado pela Física. Se você sentir vontade de ir ao banheiro e a porta estiver fechada, é melhor voltar para sua cama, pois há boas chances de você acabar num lugar de onde nunca mais conseguirá sair. Meu irmão consegue explicar essas coisas muito melhor do que eu. Foi com ele que aprendi esses e outros mistérios. Ele dorme no quarto ao lado e eu sei que, enquanto estiver ali, estarei segura. Ele ouve meus gritos à noi-

te e não vem me acudir. Se ele vier, eu me tornarei uma mulher melindrosa e frágil. Então ele só escuta, pois o fato de eu gritar significa que estou viva.

Ele me protege de outras maneiras. Decorou as paredes do meu quarto com cartazes de filmes. Em cima da minha cama tenho um ET com o dedo aceso. À minha direita fica um homem mascarado segurando uma serra elétrica. Meu irmão diz que, quando chegar a hora certa, eu saberei seu nome. À minha esquerda fica a Nicole Kidman, que normalmente não me dá medo, mas nesse cartaz ela está com cara de quem viu alguma coisa. Estes três: a Nicole, ET e o homem da serra elétrica funcionam como amuletos para as assombrações que visitam meu quarto enquanto estou dormindo. Eles vivem numa mesma dimensão, e contanto que eu tome as devidas precauções, serei poupada.

Atriz norte-americana (1967)

Deslocamento de alma

Uma das melhores coisas que aprendi com Mickey Mouse é que posso ser uma alma dentro de um corpo. Meu primeiro emprego foi como Mickey, quando trabalhei num circo. Vestia o cabeção, a roupa de pelúcia e ia ao encontro das crianças. Elas me amavam. Apontavam e gritavam:

"É o Mickey!"

E puxavam meu rabo.

Mas tinha dias em que eu não era o Mickey. Era apenas eu mesma, lá dentro. Nesses dias eu não incorporava. Felizmente, ninguém notava. Só fazia diferença para mim. Para eles, continuava sendo o Mickey. Eles apontavam e gritavam:

"É o Mickey!"

E puxavam o rabo da minha fantasia.

Aprendi o truque. Agora, tem dias em que saio na rua com minha alma dentro do meu corpo. As pessoas falam comigo e nem percebem. Consigo fazer tudo que tenho que fazer com meu corpo. Ando, passo no caixa eletrônico, compro verduras. O corpo

faz essas coisas sozinho e a alma segue voando um pouquinho acima da cabeça.

Soluções para o terceiro andar

Dois andares acima do meu, tem uma criança que chora. Ela chega da escola e começa. Entre choros, xinga a mãe. Diz que a mãe é feia e chata. Diz também que vai contar, sei lá o que, para o pai. A mãe grita de volta e ameaça bater. E assim as duas passam a tarde, aos gritos. É a obsessão delas.

A minha é buscar soluções:

A filha explode de tanto gritar.

A mãe joga a filha pela janela.

A filha conta para a professora, que conta para o juizado de menores, que prende a mãe.

A mãe foge com outro, larga a filha com o marido.

A filha se atira pela janela, a mãe se atira atrás.

Eu chamo a polícia e aviso que dois corpos caíram na garagem. Mando retirar.

Corpo movediço

Coisas estranhas aconteciam enquanto eu dormia. Não sei dizer bem o que, eu estava dormindo. Só me dava conta de que algo tinha fugido ao controle quando acordava. Encontrava meu corpo num lugar estranho: lavanderia, debaixo da escada, estirado no meio do corredor. Uma vez o encontrei na garagem. Por sorte, cheguei antes de o meu pai sair para trabalhar. Ele teria passado por cima.

Quando Santa Tereza D'Ávila tinha a minha idade, o corpo dela esperava que ela fosse para o mundo dos sonhos e aproveitava para estrebuchar. Ele arrancava os cabelos e socava o rosto. Passava a noite se debatendo contra a parede. Quando Terezinha voltava, encontrava o corpo todo esfolado, às vezes faltando dente, chumaço de cabelo espalhado pelo chão do quarto e a camisola rasgada. A família passou a amarrar o corpo da Terezinha na cama. A razão de a santinha estrebuchar tanto à noite é que o corpo sabia que a menina tinha alma de

santa. As irmãs mais velhas de Terezinha, ao completarem determinada idade, iam para o convento. E cada vez que uma irmã saía de casa para se internar no convento, parecia que Terezinha morreria de tristeza. Ela era a caçula. Ano a ano via a casa se esvaziando. O sonho dela era ir para o convento também, só que ainda não tinha idade para isso. Chegaria um ponto em que todas as irmãs teriam ido embora e só ficaria ela na casa, com o pai. A mãe era morta. O corpo de Terezinha, consciente dessa situação, ficou apreensivo. Corpos, por serem feitos de carne e hormônios, pertencem ao capeta. A alma, feita de ectoplasma, é de Deus. O corpo, que tem capacidade de andar por aí, sair em escola de samba e vestir roupa de marca, pode ser aprisionado: cadeias, camisa de força, armário, correntes, cadeira elétrica, convento. A alma, que fica dentro do corpo, pode voar, esteja ela encarnada ou não. Em geral, as que voam estão desencarnadas. No entanto, há casos de almas que, à noite, saem do corpo. Era o caso da minha.

Substância visível considerada capaz de produzir materialização do espírito.

Minha alma desprendia-se do meu corpo e ia para o lado de lá. Sei disso porque

nossa memória não fica no corpo, e sim na alma. Se a memória ficasse no corpo eu seria uma sonâmbula que saiu andando e fim da história. Mas comigo a coisa não era tão simples. No lado de lá eu voava feito gaivota. Abria as asas e planava sem pensar na vida. Ia longe, só tombando de um lado para o outro. O mais gostoso era que eu nem precisava bater asas. Mergulhava num rio, pescava peixes com o bico. Enfim, coisas de uma alma normal, que gosta de voar. O que eu não entendia é por que meu corpo aproveitava minha ausência e tentava fugir de mim. O corpo da Terezinha tinha motivos para fugir. Se a alma da santa continuasse a se comportar daquele jeito, ele seria aprisionado num convento! Ficaria careca, mole, branco e coberto por um hábito preto com sapatos de couro, no ano de 1889, no interior da França. O corpo da Terezinha sabia muito bem que nesse mesmo ano, em Paris, corpos mais sortudos dançavam cancã no Moulin Rouge, que tinha acabado de ser inaugurado.

Famosa casa de shows de Paris.

Meu corpo reclamava de barriga cheia. Eu o vestia de odalisca cor-de-rosa no carnaval, levava-o para a praia e passava pro-

tetor solar, deixava o cabelo crescer e vivia comprando fivelinhas. Satisfazia todas suas vontades. Até beijar André Martins à força eu beijei, mesmo sabendo que depois eu me sentiria como a pior das mulheres. Não... ele não tinha do que reclamar. Se ele tentava fugir de casa, não era por querer escapar da minha pessoa. Ele sabia que, sem mim, não sobreviveria. O corpo da Terezinha também sabia disso. No caso dela, ele fez aquilo para passar a impressão de estar possuído, o que o desqualificaria como corpo de santa. Fazia sentido. O meu não queria se destruir. Ele queria fugir de casa. Assim, eu logo cheguei à conclusão que o problema devia estar em alguma coisa dentro de casa. Meus pais!

O corpo é criado por um espermatozóide e um óvulo, sendo que cada uma dessas partes é composta da carga genética do pai e da mãe. Se fosse só isso, a gente seria metade a personalidade da mãe e metade a do pai. Pronto. Mas Deus, que não é tonto, viu que isso seria macabro e ninguém ia querer fazer filhos, sabendo que seriam metade eles mesmos. Foi por isso que Ele criou a alma. A alma é o elemento surpre-

sa. O corpo, por ter a genética dos nossos pais, sabe como o corpo deles funciona. Meu corpo sabia que meu pai, na verdade, era um lobisomem, e que minha vida estava em risco. Ou sabia que, quando minha mãe estava sozinha em casa, ela se trancava no banheiro e perguntava ao espelho quem é a mulher mais linda do mundo. E ai de mim se a resposta não fosse ela mesma! Ou então ele sabia que a vida que eu levava era uma farsa. Sabia que, na verdade, meus pais estavam apenas me preparando para o meu verdadeiro destino, que seria revelado no dia 15 de novembro de 2025, numa caverna em Goiás. Eu ganharia um novo corpo, cavaríamos um buraco e eu voltaria a viver com meus similares intraterrenos. Podia ser também que a revelação acontecesse no meu décimo quinto aniversário. Nesse caso eles me olhariam com lágrimas nos olhos e diriam que era hora de partirmos. Mamãe abriria a porta da geladeira e entraríamos em outra dimensão. Era isso!

Sempre que eu voltava, encontrava minha mãe parada à minha frente, esperando. Ela falava bem mansinho e não encostava

um dedo em mim. Esperava eu perceber onde tinha ido parar. Sabia que eu choraria. Eu chorava porque não importava quantas vezes isso acontecesse, eu sempre me assustava quando percebia que o corpo tinha andado sozinho. Mamãe não tocava em mim, por achar que eu podia me assustar e ficar louca. Então eu ficava chorando e ela assistindo, como se não tivesse nada a ver com aquilo. Eu acabava chorando mais ainda porque eu queria que ela me abraçasse, pelo menos. Às vezes ela chorava junto. Às vezes, quando ela só ficava com cara de triste, eu tinha certeza que algum dia entraríamos na geladeira, para um mundo melhor. Papai nunca acordava. Quando eu me acalmava, mamãe me acompanhava até a cama. Uma vez eu disse a ela que a família da Terezinha amarrava o corpo dela na cama e que isso tinha funcionado. Mamãe respondeu que ela nunca conseguiria fazer isso comigo, que eu podia andar pela casa inteira, que não tinha problema. Pedi então que ela passasse uma corrente na geladeira. Eu temia ir embora sem eles. Na hora, mamãe disse que ia providenciar a corrente. Isso nunca aconteceu.

Assim, quando certa noite ela me encontrou com a cabeça dentro da gaveta de legumes, não pôde dizer nada. Eu tinha esmagado um tomate. Ao abrir os olhos, uma gosma vermelha escorreu pelo meu rosto. Nessa noite meu pai acordou e perguntou:

"O que significa isso?"

Nenhuma de nós soube responder. Ele olhou dentro da geladeira. Gelei de medo. Essa era a hora! A geladeira estava aberta, no meio da madrugada. Nós três na cozinha. Não faltava mais nada. Podíamos ir de pijama mesmo. Não era uma viagem para o sítio. Esperei que papai entrasse primeiro. Estava quase alegre. Pelo menos acabaria com o suspense. Lavei o rosto na pia. Estava pronta. Papai serviu-se de suco de laranja e me ofereceu um copo. Bebi o suco num gole só. Durante alguns minutos ficamos os três em silêncio. Acho que ele esperava um sinal, um bip qualquer. Papai bocejou e voltou para o quarto. Mamãe disse que limparia a gaveta dos legumes na manhã seguinte, apagou a luz e passou a mão na minha cabeça, já tinha dado tempo suficiente para poder pegar em mim. Várias outras vezes entrei na geladeira e mesmo assim nunca

berraram comigo, nunca me mandaram para o psiquiatra, para um centro de pesquisa, para um programa de televisão, para os Estados Unidos. Nunca chamaram um padre para me exorcizar. Ofereciam suco de laranja e ficávamos em silêncio na cozinha, esperando passar, como se tudo aquilo fosse normal, como se fôssemos uma família de terráqueos classe média, como se eu não tivesse uma capacidade sobrenatural de voar pelo cosmos. Minha mãe começou a ter outros filhos que choravam no meio da noite. Tive que dividir meu quarto. Ganhei uma gata que passou a dormir no meu pé. E assim, por absoluto desinteresse pela minha anomalia, a coisa passou.

Diz-se de ou habitante da Terra, por oposição a eventuais habitantes de outros planetas.

Águias, galinhas e salários

Meu chefe estava me devendo três meses de salário quando começou a ler *A Águia e a Galinha*, do Leonardo Boff. Não gostei daquilo. Eu precisava de dinheiro. Bati na sua porta e disse que daquela semana não podia passar. Ele fechou o livro e disse que eu não tinha visão. Pronto... Era o que eu temia.

Se eu tivesse visão de águia e olhasse para o horizonte, eu não me preocuparia com migalhas. Quis responder que galinha era a mãe dele e que eu estava devendo dinheiro por aí. Ele começou a falar das cobras e dos sapos. Quando uma cobra vê uma águia, ou quando o sapo vê a mesma águia, um pula e o outro faz sei lá o que. Eu não via águia alguma. Eu precisava do meu salário atrasado.

Dois meses depois meu chefe se refugiou com uns budistas alegres, e eu levei o maior cano da minha vida.

Nunca li Leonardo Boff, mas se ele quer saber, fico com as galinhas. Não confio em águias.

Silêncio

Vira e mexe homens entram na minha casa para trabalhar: encanadores, pedreiros e eletricistas. A minha política é continuar trabalhando. Assim um não incomoda o outro. Mas alguma coisa acontece e eles não se agüentam com meu silêncio. Começam a falar:

"O que é que a senhora fica escrevendo aí?"

"Hum..."

"O que é que tá escrevendo?"

"É a história de um pingüim."

"Como?"

"A história de um pingüim."

"Pra que?"

"Hum?"

"Pra que a senhora está escrevendo isso?"

"Crianças."

"E criança lá gosta de pingüim? Escreve sobre leão, então! De onde a senhora tirou pingüim?"

"É pingüim."

"A senhora devia escrever novela pra Globo."

"Hum..."

"Eu já fiz o piso da casa da Eva Wilma, sabia?"

"Hum..."

"Conheci um autor de novela lá. A senhora não quer que eu entregue os seus textos aí pra ele?"

"Não."

"Por que não?"

"Não."

"Artista é tudo igual. Vai ficar aí, de cara fechada, escrevendo, escrevendo... Tem que sair! Visitar as pessoas! Como é que as pessoas vão saber o que a senhora está escrevendo?"

E assim vai... até ele terminar o serviço e me passar o preço, que sempre me assusta. Então ele diz que se eu escrevesse novela para a Globo, ele cobraria o dobro e eu nem acharia ruim.

"Aliás, se a senhora escrevesse novela pra Globo, não moraria nesse prédio caindo aos pedaços."

Os moradores dos vãos dos tijolos

O muro do meu prédio é feito de grandes tijolos vazados. Cada tijolo tem 16 quadradinhos. Isso é uma coisa. A outra coisa é que, por algum motivo, minha casa sempre atraiu miniaturas. Soldadinhos, bailarinas, sapinhos, vaquinhas, Ronald McDonalds, ursinhos, carrinhos. Eles vão aparecendo por aqui, nunca sei bem como.

Certo dia tive a brilhante idéia de instalar cada criaturinha dessas num vão dos tijolos. Couberam perfeitamente. Em cada tijolo cabem 16 bonecos, um em cada quadradinho. O muro é composto de 40 colunas e 5 filas. Cada coluna tem 5 tijolos. Isso dá 200 tijolos, sendo que para concluir a instalação eu preciso de 3.200 bonequinhos. Ou seja, é trabalho para a vida inteira. Não me importo, agora só paro quando me mudar daqui. Mas não é sobre isso que eu queria falar. Esses dias tive o seguinte diálogo com o assistente do lavador de paredes do prédio.

Ele bateu na minha janela, com o boné cheio de bonequinhos:

“Eu tive que tirar.”

Não entendi do que ele estava falando.

“Eles”. Então ele me mostrou o boné.

Minha cara deve ter sido péssima, pois ele logo começou se explicar:

“Se eu não tirasse, eles iam cair e a água ia levar embora.”

“Tudo bem. Depois eu os coloco de volta.”

“Tem uns que não quiseram sair.”

“Eu sei. Tem uns que não saem mesmo.”

“Por que eles não saem?”, perguntou o homem.

“Eu grudei com Super Bonder.”

“Por que você grudou alguns e outros não?”

“Quando eles encontram o compartimento definitivo, eu grudo. Os que estão soltos é porque ainda estão em teste.”

“O pato não sai nem com reza.”

“O pato foi o primeiro.”

Mas nossa conversa deve ter irritado o lavador, que gritou lá do alto, perguntando se o Edwaldo tinha se esquecido da vida.

Tinha.

Os três poodles circenses e a minha peruca laranja

Certa vez trabalhei com três poodles brancos. Eles eram um trio artístico, saltavam bambolês. Eu era assistente do homem-fogo. Isso foi no Circo do Malaquias, época esquisita.

Meu maior medo, naqueles tempos, era que minha peruca laranja pegasse fogo, mas isso eu não podia dizer. Malaquias achava que eu era fresca demais para trabalhar em circo.

"Você já viu algum desses poodles pegar fogo?"

O bambolê que eles atravessavam era incandescente.

"Então! Se eles conseguem não pegar fogo, por que você não conseguiria?"

Eu sabia muito bem o motivo. Era por causa do jeito como os poodles me olhavam. Um jeito arrogante, de quem pode ler o futuro. Certa vez, saindo do picadeiro, ouvi um deles cochichar na orelha do outro:

"Hoje foi por pouco..."

Sensação de morango

Minha gata é bem peluda, e eu adoro Sensação sabor morango. Aparentemente, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Mas, nesse caso, tem. Certa vez, eu estava comendo Sensação de morango quando Valentina, minha gata, passou por mim com um andar estranho. Ela andava se esfregando no tapete. Continuei comendo meu chocolate. Vi, então, o motivo. Ela tentava se desfazer de um pedaço de bosta grudado debaixo do seu rabo.

Subitamente, sem que eu desse por mim, corri para o banheiro, peguei um pedaço de papel higiênico e fiz o que tinha que fazer: puxei. Porém, tudo isso foi feito enquanto eu mastigava o pedaço de chocolate que havia acabado de abocanhar. Foi tranqüilo, sem nojo. Lavei as mãos e continuei comendo. Quando mulheres falam em instinto maternal, deve ser algo assim.

O gato, a borboleta e o tempo

Era domingo. Eu estava numa floricultura escolhendo mudas. Um gato gordo me viu chegar, bocejou e voltou a dormir. A vendedora disse para eu chamá-la quando tivesse escolhido. Escolhi gerânios e chamei a vendedora. Uma borboleta azul pousou num vaso de flores do campo. O gato gordo acordou e veio correndo. O vaso estava em cima de uma mesa. Pensei: "gordo desse jeito, assim que pular na mesa, a borboleta voa", mas ela não voou.

"Já escolheu?", perguntou a vendedora.

"Já", respondi, mas esqueci de dizer o que.

A borboleta sabia que ia demorar mais um tempo até o gato alcançá-la. O gato sabia que a borboleta esperaria até o último minuto. Eu sabia que o gato não era rápido o bastante.

"Então?", insistiu a vendedora.

O gato se embrenhou no meio do vaso. Fez algumas tentativas frustradas. Na quarta vez, a borboleta voou.

"Já escolheu ou não?", insistiu a vendedora.

Ela não tinha entendido o tempo.

Salvem as baleias

O mocinho me parou no meio da Paulista e pediu minha ajuda para salvar as baleias. Não era um dia bom. Fazia frio, eu queria ir para casa e me enfiar debaixo das cobertas. Eu não tinha dinheiro.

"Não, obrigada."

"Eu não estou pedindo dinheiro, não."

Chovia na minha cabeça. Eu tinha esquecido o guarda-chuva.

"O que você quer?"

"Salvar as baleias."

Um raio cruzou o céu já completamente preto. Em algum lugar carros boiavam. Como é que a gente ia salvar uma baleia?

"Você só precisa assinar aqui."

Não. Se fosse para salvar baleias, então que mergulhássemos no mar e nos amarrássemos a elas com a bandeira do Greenpeace, ou que eu me jogasse na frente do baleeiro, ou que desatracássemos baleias, ou assassinássemos o rei do óleo de baleia, ou que eu fosse viver dentro da baleia, mandando mensagens periódicas e jurasse não sair de

ONG (organização não-governamental), sem fins lucrativos, que atua em todo o mundo em defesa do meio-ambiente.

lá enquanto não tivessem aprovado não sei que lei.

Assinei.

"O que é que eu faço agora?", perguntei.

Eu iria para dentro de uma delas, se ele quisesse. Se era para salvar baleias, que salvássemos.

"Só isso."

Como é que uma assinatura molhada na Avenida Paulista salva uma baleia no Japão?

Minas e Energia

Débora chegou em casa com seu olhar superior e eu perguntei se ela tinha certeza de que o mundo existia quando não estava olhando. Débora não entendeu a pergunta. Então eu disse que faria um teste. Sairia da sala e ela ficaria ali sozinha. Assim, ela não teria mais como saber se eu ainda existia, de fato. Saí da sala. Depois de um tempo Débora gritou por mim. Não respondi. Ela gritou novamente e disse que aquela brincadeira não tinha graça, e que se eu continuasse com aquilo ela ia embora para nunca mais voltar. Continuei calada. Quando achei que tinha dado o tempo, voltei.

"Viu?", perguntei.

"Vi o que?"

"A gente não pode ter certeza. Por exemplo, você sabe onde está sua mãe nesse minuto?"

"Ela está no consultório."

"Quando foi a última vez que você viu sua mãe?"

"Quando ela me deixou aqui."

"Então talvez ela só tenha virado a esquina e esteja lá esperando."

"Mentira."

"O presidente do Brasil também. Talvez ele fique parado, e quando a gente liga a televisão, ele aparece."

Débora ficou com medo. Ela não queria aceitar a possibilidade do mundo só existir quando a gente olhasse. Por mim, não tinha importância, pois eu sabia que ia morrer depois que ficasse velha. A única coisa que me chateava é que, por saber que o mundo só existia quando eu olhava, sentia-me muito sozinha. Eu realmente desejava que minha mãe tivesse uma vida própria, e meu pai, e todas as outras pessoas. Queria que eles vivessem mesmo que eu não precisasse deles. Era muita responsabilidade saber que enquanto eu conversava com Débora, todos estavam parados em seus lugares, só esperando a hora de aparecer no meu mundo.

Eu ainda não acredito que a ministra das Minas e Energia, por exemplo, está de fato existindo por conta própria num sábado de manhã, quando ninguém está olhando. Outro dia ela apareceu no rádio. Estava

nervosa, mas eu não entendi por que. Foi a última vez que tive notícia dela.

Quando você começou a gostar de ler?

ÍNDIGO – Desde que me conheço por gente. Quando não sabia ler, pedia toda noite para minha mãe me contar histórias. Em casa sempre tivemos muitos livros. Minha mãe não permitia extravagâncias com roupa, sapato e brinquedos, mas livros ela comprava sem pensar duas vezes. Assinávamos a revistinha do Círculo do Livro e era uma alegria poder escolher no catálogo e esperar até o dia em que eles chegavam, novinhos.

Quais livros marcaram sua infância e adolescência?

ÍNDIGO – Minha infância: todos do *Sítio do Picapau Amarelo*, *Uma Casa na Campina*, da Laura Ingalls, e *O Sofá Estampado*, da Lygia Bojunga Nunes. Minha adolescência: *As Brumas de Avalon*, da Marion Zimmer Bradley, toda a obra do Luis Fernando Veríssimo e os gibis *Chiclete com Banana* e *Piratas do Tietê*. Hoje em dia o que mais gosto de ler é romance, tanto de autores nacionais quanto estrangeiros.

Como você começou a escrever?

Índigo – Aos 13 anos, com um diário que mantenho até hoje. Embora fossem textos simples, foi o começo da rotina de escrita. Os primeiros textos literários apareceram depois que me formei em jornalismo. Era o início da internet e coloquei quatro deles na rede. O retorno de leitores veio rápido, o que me motivou a continuar. Publiquei contos na rede durante anos, antes de escrever meu primeiro livro, *Saga Animal*.

Como nascem suas histórias e personagens?

Índigo – Meus textos surgem a partir de um personagem. Sem personagem, não há história. Uma das primeiras preocupações é descobrir como esse personagem se expressa, encontrar sua voz. Outra condição é encontrar a primeira frase seja uma paulada. Se eu cumprir esses dois critérios é sinal de que tenho uma boa história.

Que lugar a leitura ocupa em sua vida?

Índigo – Não tenho televisão há mais de 10 anos. Depois das 8 da noite, meu passatempo é a leitura. Ler é um prazer, assim como ir ao cinema ou ao teatro.

A leitura torna mais vasto o mundo de quem lê. Também desperta a sua imaginação e você ganha condições de aprender e desenvolver seu senso crítico e cultural. Quanto mais livros você ler, mais aumenta o prazer de ler, mais alegrias você terá com a leitura. Com isso, todos ganham, você, a sua família, a sua comunidade e a sociedade em que você vive.

Pelo Brasil afora, muita gente tem trabalhado para estimular a prática e o acesso ao livro e à leitura. Projetos, programas e ações que envolvem todos: governos, universidades, escolas, empresas, ONGs e os cidadãos. Todas as propostas fazem parte do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, do Ministério da Cultura. Um dos objetivos desse empreendimento é fazer funcionar bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros.

É na biblioteca que você vai encontrar apoio para seu desenvolvimento pessoal e educação formal. Além disso, nesse espaço você vai poder conhecer sobre a herança cultural do seu povo, vai ter a oportunidade de

tomar apreço pelas artes e pelas realizações da humanidade.

Visite uma biblioteca, pergunte ao bibliotecário como é que ela funciona e como você pode ter livros emprestados. A biblioteca pública é de todos e para todos.

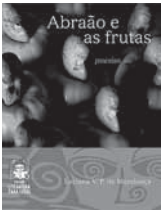
Mais informações sobre esta obra

As oito ilustrações de *Cobras em compota* são fiéis à abordagem bem-humorada, travessa e imaginativa de Índigo. A artista plástica Tati Rivoire adotou um traço leve e esfumaçado para retratar cenas do cotidiano inspiradas nas memórias da autora.

Os desenhos, inicialmente, foram esboçados à mão livre no papel branco com bico de pena. Em seguida, as imagens foram digitalizadas para então serem finalizadas e coloridas no computador.

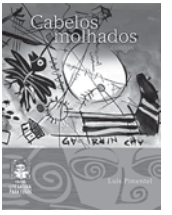
Ao longo do livro, o leitor vai desfrutar retratos divertidos da imaginação desenfreada da escritora. Pelas mãos de Tati, o inesperado e inimaginável ganha forma – a escatologia, o lirismo e a surpresa da infância, ou a poesia e sutileza de experiências variadas e curiosas.

Outros livros desta coleção

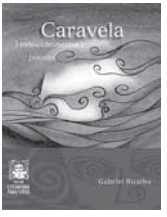


Poesias

Tradição oral



Contos

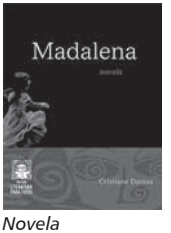


Poesias

Poesias

Teatro

Biografia



Novela

Crônicas

Produção gráfica e editorial

SUPERNOVA PROJETOS EDITORIAIS

Coordenação de produção
Cristina Guimarães
cristina@supernovadesign.com.br

Projeto gráfico e capa
Ribamar Fonseca
ribamar@supernovadesign.com.br

Projeto editorial, edição e revisão do texto
Alessandro Mendes e Iara Vidal
alessandro@azimutecomunicacao.com.br
iara@azimutecomunicacao.com.br

Ilustrações
Tati Rivoire
tati@tatirivoire.com.br

Editoração eletrônica
Fernando Alves
fernando@supernovadesign.com.br

Auxiliar de produção
Adriana Mattos
adriana@supernovadesign.com.br

O papel da capa é o Duo Design 240g/m² e o papel do miolo é o Pólen bold 90 g/m². A fonte de texto é a Versailles, corpo 11,5 pt, projetada por Adrian Frutiger em 1984, serifada, baseada nos tipos franceses desenhados no século 19. As notas explicativas laterais foram retiradas dos dicionários da língua portuguesa Houaiss e Aurélio e informações dos autores.

Impresso pela Gráfica e Editora Brasil para o Ministério da Educação em novembro de 2006.

Quando voltamos para casa, o periquito verde de Débora estava estirado no chão da gaiola. Morto. Foram quarenta minutos de histeria e a pergunta:

"E agora? O que a gente vai fazer?"

O periquito azul, vivo, não podia ficar com o corpo do verde ali. Débora mandou que eu tirasse o morto da gaiola.

"Tira você", respondi.

"Eu não consigo. Tira você."

Tirei, embrulhei o bicho num papel alumínio e guardei no freezer, para a mãe da Débora decidir o que fazer. Nunca me senti tão sensata na vida: alumínio e freezer. Fiquei chocada quando, horas depois, tive que ouvir um sermão sobre hábitos de higiene, freezer e cadáveres.

Ministério
da Educação

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

ISBN 85-296-0044-4
9 788529 600444

LITERATURA
PARA TODOS